

OS ARQUIVOS PERDIDOS

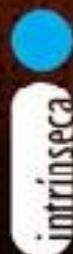
OS LEGADOS DA NÚMERO SEIS



PITTACUS LORE

AUTOR DOS BEST-SELLERS

EU SOU O NÚMERO QUATRO E O PODER DOS SEIS



PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
OS LEGADOS DA NÚMERO SEIS

OS LEGADOS DE LORIEN

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2011 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Archives: Six's Legacy

CAPA
Julio Moreira

REVISÃO
Livia Salles

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-161-5

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



CAPITULO UM

KATARINA DIZ QUE há mais de um jeito de se esconder.

Antes de irmos para o México, morávamos no subúrbio de Denver. Eu me chamava Sheila, um nome que odeio ainda mais do que o atual, Kelly. Moramos lá durante dois anos, e eu usava fivelas no cabelo e pulseiras cor-de-rosa de borracha, como todas as outras meninas do colégio. Dormi na casa de algumas delas, as garotas a quem eu chamava de “minhas amigas”. Frequentei a escola durante o ano letivo, e no verão fui para uma colônia de férias de natação na ACM. Gostava de minhas amigas e da vida que tínhamos lá, mas eu já me havia mudado tantas vezes com minha Cêpan, Katarina, que sabia que aquilo não seria permanente. Eu sabia que aquela não era minha vida de *verdade*.

Minha vida de verdade acontecia no porão da casa em que vivíamos, onde Katarina e eu treinávamos técnicas de combate. Durante o dia, o espaço era uma sala comum de recreação, com um sofá grande e confortável, uma televisão em um canto e uma mesa de pingue-pongue em outro. À noite, era uma academia bem-equipada, com sacos de pancada, colchonetes, armas e até um cavalo com alças improvisado.

Em público, Katarina fazia o papel de minha mãe, e dizia que o “marido” dela, meu “pai”, havia morrido em um acidente de automóvel quando eu era bebê. Nosso nome, nossa vida, nossa história, tudo era ficção, identidades atrás das quais Katarina e eu nos escondíamos. Mas eram identidades que nos permitiam viver em público. Agir normalmente.

Misturar-se: essa era uma das maneiras de se esconder.

Mas nós cometemos um deslize. Até hoje me lembro de nossa conversa durante a viagem de Denver ao México, destino que escolhemos simplesmente porque nunca tínhamos ido lá, nós duas tentando entender como exatamente havíamos arruinado nosso disfarce. Alguma coisa que eu havia falado para minha amiga Eliza contradizia algo que Katarina contara à mãe de Eliza. Antes de Denver, tínhamos morado em Nova Scotia durante um inverno muito, muito rigoroso, mas pelo que me lembrava de nossa “história”, a mentira que havíamos combinado contar era que tínhamos morado em Boston antes de Denver. Katarina tinha outra

lembrança, e disse que havíamos morado em Tallahassee. Depois Eliza contou à mãe, e as pessoas começaram a suspeitar de nós.

Não foi uma exposição calamitosa. Não tivemos qualquer motivo evidente para acreditar que nosso erro levantaria suspeitas que pudessem atrair a atenção dos mogadorianos. Mas nossa vida tinha ficado complicada em Denver, e Katarina decidiu que já havíamos ficado lá por tempo demais.

Então, nós nos mudamos novamente.



O sol é claro e forte em Puerto Blanco, e o ar é terrivelmente seco. Katarina e eu não tentamos nos misturar aos outros moradores, famílias de agricultores mexicanos. Nosso único contato regular com o povo local é a visita semanal que fazemos à cidade para comprar produtos de primeira necessidade no pequeno armazém. Somos as únicas brancas em um raio de muitos quilômetros, e, apesar de falarmos espanhol bem, não há como sermos confundidas com os nativos. Para nossos vizinhos, somos as gringas, brancas, esquisitas e reclusas.

— Às vezes é possível se esconder com a mesma eficiência se sobressaindo — diz Katarina.

Ela parece ter razão. Estamos aqui há quase um ano e não fomos incomodadas nem uma vez. Levamos uma vida solitária mas ordenada em uma cabana térrea ampla, montada entre dois terrenos grandes de terra cultivada. Acordamos com o sol, e antes mesmo de comer ou tomar banho Katarina me manda fazer ginástica no quintal: subir e descer correndo uma pequena colina, fazer exercícios de força e alongamento e praticar *tai chi*. Tiramos proveito das duas horas relativamente frescas da manhã.

Depois da ginástica matinal, é hora de um café da manhã leve, e depois três horas de estudo: idiomas, história e quaisquer outros assuntos que Katarina encontra na Internet. Ela diz que seu método pedagógico e os assuntos abordados são “ecléticos”. Não sei o que essa palavra significa, mas fico grata pela variedade. Katarina é uma mulher quieta, pensativa, e embora seja o que tenho de mais próximo de uma figura materna, ela é muito diferente de mim.

Estudar é, provavelmente, o ponto alto de seu dia. Eu prefiro a ginástica.

Depois dos estudos, voltamos ao sol abrasador, e o calor me deixa tão tonta que

quase tenho alucinações com inimigos imaginários. Luto contra bonecos de palha: disparo flechas, esfaqueio ou simplesmente distribuo murros com os punhos nus. Mas, com a visão parcialmente ofuscada pelo sol, eu os vejo como mogadorianos e me deleito com a oportunidade de destruí-los. Katarina diz que, embora eu tenha apenas treze anos de idade, sou tão ágil e forte que poderia derrubar com facilidade um adulto bem-treinado.

Uma das vantagens de morar em Puerto Blanco é que não preciso disfarçar minhas habilidades. Em Denver, quando eu ia nadar na ACM ou simplesmente brincar na rua, sempre tinha que me conter para não revelar a velocidade e a força superiores, que resultavam do regime de treinamento de Katarina. Aqui nos mantemos isoladas, longe de olhares alheios, e assim não tenho que me esconder.

Hoje é domingo, então os exercícios da tarde são curtos, duram apenas uma hora. Estou treinando luta com Katarina no quintal e consigo sentir sua vontade de parar: seus movimentos são desanimados, ela estreita os olhos contra o sol e parece cansada. Adoro treinar e seria capaz de ficar ali o dia todo, mas, por respeito a ela, sugiro darmos o dia por encerrado.

— Ah, acho que podemos parar mais cedo — ela responde.

Dou um sorriso discreto e a deixo pensar que sou eu quem está cansada. Entramos em casa, e Katarina enche dois copos grandes com *agua fresca*, nossa iguaria habitual de domingo. O ventilador na sala de estar de nossa humilde cabana está ligado no máximo. Katarina liga seus vários computadores enquanto eu tiro os coturnos sujos e fedorentos e me deixo cair no chão. Alongo os braços para evitar câibras, depois me viro para a estante de livros no canto da sala e puxo uma pilha grande de jogos de tabuleiro que guardamos ali. Risk, Stratego, Othello. Katarina tentou despertar meu interesse por jogos como Banco Imobiliário e Jogo da Vida, dizendo que não custava ser “versátil”. Mas nunca gostei muito deles. Katarina percebeu, e agora só usamos jogos de guerra e estratégia.

Risk é meu favorito, e, como terminamos o treino mais cedo hoje, acho que Katarina vai topar uma partida, mesmo sendo um jogo mais longo que os outros.

— Risk?

Katarina está sentada em sua cadeira giratória, olhando de uma tela para outra.

— Riscar o quê?

Dou risada e então balanço a caixa perto de sua cabeça. Ela não desvia os olhos dos monitores, mas o som das peças chacoalhando dentro da caixa é suficiente

para fazê-la entender.

— Ah — ela diz. — Pode ser.

Arrumo o tabuleiro. Sem perguntar nada, divido os exércitos entre nós duas e começo a posicioná-los sobre todo o mapa do jogo. Já jogamos tantas vezes que nem preciso questionar que países ela quer ocupar ou que territórios prefere fortificar. Ela sempre escolhe Estados Unidos e Ásia. Vou colocando feliz as peças dela nesses territórios, pois sei que em meus territórios, mais fáceis de defender, vou formar rapidamente exércitos fortes o bastante para esmagar os dela.

Estou tão concentrada preparando o tabuleiro que nem percebo o silêncio de Katarina, *sua* concentração. Só quando estalo meu pescoço fazendo barulho e ela não me censura — “Por favor, não faça isso”, Katarina costuma pedir, incomodada com o som do estalo — levanto a cabeça e a vejo olhando boquiaberta para um dos monitores.

— Kat? — eu chamo.

Silêncio.

Eu me levanto do chão e passo por cima do tabuleiro para me juntar a ela na mesa. Só então vejo o que chamou sua atenção tão completamente. Uma notícia sobre um ônibus que explodiu na Inglaterra.

Eu resmungo.

Katarina está sempre checando a Internet e os jornais à procura de notícias sobre mortes misteriosas. Mortes que possam ter sido causadas pelos mogadorianos. Mortes que possam significar que o segundo membro da Garde foi derrotado. Ela tem feito isso desde que chegamos à Terra, e esse pessimismo sempre me deixa frustrada.

Além do mais, isso não nos serviu de nada na primeira vez.

Eu tinha nove anos, e morávamos em Nova Scotia. Lá, nossa sala de treinamento ficava no sótão. Katarina tinha encerrado as atividades do dia, mas eu ainda tinha energia para gastar e estava sozinha fazendo exercícios no cavalo com alças quando, de repente, senti uma dor intensa no tornozelo. Perdi o equilíbrio e caí no colchonete, agarrando meu tornozelo e gritando de dor.

Minha primeira cicatriz. Significava que os mogadorianos haviam matado o Número Um, o primeiro membro da Garde. E, apesar de todas as pesquisas de Katarina pela Internet, aquilo nos pegou completamente de surpresa.

Passamos as semanas seguintes angustiadas, esperando uma segunda morte e

uma cicatriz logo depois da primeira. Mas nada aconteceu. Acho que Katarina continua tensa, ansiosa, pronta para entrar em ação. Mas três anos se passaram — quase um quarto de minha vida inteira —, e eu simplesmente não penso muito nisso.

Eu me coloco entre ela e o monitor.

— É domingo. Vamos jogar.

— Por favor, Kelly — ela diz meu nome falso mais recente sem muita naturalidade. Sei que para ela eu sempre serei a Seis. E para mim, também. Meus nomes falsos são apenas conchas, não definem quem eu realmente sou. Tenho certeza de que em Lorien eu tinha um nome de verdade, não apenas um número. Mas isso foi há tanto tempo, e tive tantos nomes desde então, que não me lembro mais dele.

Seis é meu nome verdadeiro. É quem eu sou.

Katarina me dá um empurrão leve para o lado, ansiosa para saber mais detalhes.

Perdemos tantos dias de jogo por causa de notícias como aquelas. E elas acabavam nunca significando algo. Eram apenas tragédias comuns.

Na Terra, como eu descobri com o tempo, ocorrem muitas tragédias.

— Não. É só um acidente com um ônibus. Vamos jogar.

Eu a puxo pelos braços, numa tentativa de fazê-la relaxar. Ela parece tão exausta e preocupada, sei que um descanso seria bom para ela.

— Uma *explosão* com um ônibus. E, pelo jeito — ela insiste, afastando-se para ler a notícia na tela —, o conflito ainda está acontecendo.

— O conflito sempre está acontecendo — respondo, revirando os olhos. — Vamos.

Ela balança a cabeça, dando uma de suas risadas roucas.

— Está bem — diz Katarina. — Certo.

Ela se afasta dos monitores e se senta no chão, diante do tabuleiro. Preciso fazer um esforço enorme para não cantar vitória antes do tempo: eu sempre ganho no Risk.

Fico ajoelhada ao lado dela.

— Você tem razão, Kelly — Katarina diz, dando um sorriso. — Não tenho que entrar em pânico por qualquer coisinha...

Um dos monitores na mesa de repente emite um *ding!*. Um dos alertas criados

por Katarina. Os computadores foram programados para buscar notícias incomuns, posts em blogs e até mudanças climáticas notáveis, sempre à procura de possíveis notícias da Garde.

— Ah, por favor — eu reclamo.

Mas Katarina já se levantou e voltou à mesa, rolando telas e clicando de link em link outra vez.

— Certo — eu digo, irritada. — Mas não vou ter nenhuma compaixão quando o jogo começar.

De repente ela fica em silêncio, paralisada por algo que encontrou.

Eu me levanto, passo por cima do tabuleiro e vou até a mesa.

Olho a tela.

Não é uma notícia de jornal da Inglaterra, como eu imaginava. É um simples post anônimo em um blog. Apenas algumas palavras perturbadoras e instigantes:

“Nove, agora oito. O restante de vocês está por aí?”

CAPÍTULO DOIS

UM GRITO ECOOU do mundo, dado por um membro da Garde. Um menino ou uma menina da mesma idade que eu está procurando por nós. Em um instante, puxo o teclado da frente de Katarina e digito uma resposta na seção de comentários. “Estamos aqui.”

Katarina empurra minha mão antes que eu possa apertar o Enter.

— Seis!

Eu me afasto, sentindo vergonha de minha imprudência e pressa.

— Precisamos ter cuidado. Os mogadorianos estão nos caçando. Já mataram o Número Um, e podem estar perto do Dois, do Três...

— Mas eles estão sozinhos! — As palavras brotam de minha boca antes que eu tenha chance de pensar no que estou dizendo.

Não faço ideia de como sei disso. É só um pressentimento. Se esse membro da Garde está desesperado a ponto de enviar um apelo pela Internet à procura dos outros, seu Cêpan deve ter morrido. Imagino o pânico desse Garde, o medo que sente. Nem consigo imaginar como seria perder minha Katarina, ficar sozinha. Só de pensar em lidar com tudo o que preciso lidar... *sem* Katarina? É inimaginável!

— E se for a Dois? E se ela estiver na Inglaterra, e os mogs estiverem atrás dela, e ela estiver pedindo ajuda?

Há um segundo eu reclamava da obsessão de Katarina pelas notícias. Mas isto é diferente. É uma ligação com alguém *como eu*. Agora estou desesperada para ajudar, para responder ao chamado.

— Talvez tenha chegado a hora — digo, cerrando um punho.

— A hora?

Katarina está assustada, com uma expressão confusa no rosto.

— Hora de lutar!

Ela enfia a cabeça entre a palma das mãos e ri.

Em momentos de muito estresse, às vezes ela reage assim: ri quando deveria ficar séria, fica séria quando deveria dar risada.

Katarina levanta a cabeça, e percebo que ela não está rindo de mim. Está apenas nervosa e confusa.

— Seus Legados ainda nem se desenvolveram! — ela grita. — Como poderíamos começar a guerra agora? — Levanta-se da mesa e balança a cabeça. — Não. Não estamos preparadas para lutar. Até seus poderes se manifestarem, não vamos começar essa batalha. Temos que nos esconder até que a Garde esteja pronta.

— Então precisamos mandar uma mensagem a ela.

— Ela? Você nem sabe se é uma menina! Pode até não ser ninguém. Só uma pessoa qualquer usando palavras que por acaso fizeram meu alarme disparar.

— Eu *sei* que é um dos nossos — insisto, olhando diretamente para Katarina. — E você também sabe.

Ela assente, admitindo a derrota.

— Só uma mensagem. Só para que ela saiba que não está sozinha. Para dar esperança a si.

— “Ela” de novo.

Katarina ri quase com tristeza.

Acho que é uma menina porque imagino que quem escreveu a mensagem seja como eu. Uma versão mais solitária e mais assustada de mim mesma... alguém que perdeu seu Cêpan.

— Tudo bem — ela concorda.

Eu me coloco entre Katarina e o monitor, e meus dedos se aproximam das teclas. Decido que a mensagem que escrevi antes — “Estamos aqui.” — é suficiente.

Aperto a tecla Enter.

Katarina balança a cabeça, envergonhada por ter cedido para mim de maneira tão incauta. No instante seguinte ela está ao computador, apagando todos os rastros de nossa localização deixados pelo envio.

— Você se sente melhor? — ela pergunta, desligando o monitor.

Sim, um pouco. Pensar que dei um pouco de consolo e conforto a alguém da Garde me anima, me faz sentir que estou ligada a um esforço maior.

Antes que eu possa responder, sou tomada por uma dor lancinante, algo que só senti uma vez antes; um bisturi de fogo cortando a carne de meu tornozelo direito. Minha perna não consegue mais sustentar o peso do corpo, e eu grito, tentando me distanciar da dor mantendo o tornozelo o mais longe possível do restante do corpo. Então eu vejo: a carne do tornozelo queima, soltando fumaça. Uma nova cicatriz, a segunda, vai se desenhando na pele.

— Katarina! — grito desesperada, batendo no chão com o punho, enlouquecendo de dor.

Katarina está paralisada pelo horror, incapaz de ajudar.

— A segunda — ela diz. — Número Dois morreu.

CAPITULO TRÊS

KATARINA CORRE ATÉ a pia, enche uma jarra com água e a despeja em minha perna. Estou quase catatônica de dor, mordendo o lábio com tanta força que começa a sangrar. Vejo a água ferver ao entrar em contato com minha pele queimada e depois escorrer para o tabuleiro do jogo, derrubando as peças dos exércitos no chão.

— Você venceu — digo, fazendo uma piada boba.

Katarina não reage à minha tentativa de humor. Minha protetora entrou em modo Cêpan: pegando itens de primeiros socorros em todos os cantos de nossa cabana. Antes que eu perceba, ela já passou uma pomada refrescante na cicatriz e a cobriu com gaze.

— Seis — Katarina diz, seus olhos úmidos revelando medo e compaixão.

Eu fico resabiada. Ela só usa meu nome verdadeiro em momentos de crise extrema.

E então percebo que é exatamente isso.

Anos haviam transcorrido desde a morte de Um, e nesse período não houve qualquer incidente. Tinha ficado fácil imaginar que havia sido um alarme falso. Com muito otimismo, podíamos pensar que Um morrera em um acidente, que os mogadorianos não haviam nos encontrado.

Isso acabou. Agora temos certeza. Os mogadorianos encontraram o segundo membro da Garde e o mataram. A mensagem que Dois mandou para nós, para o mundo, foi a última coisa que ele ou ela jamais faria. Sua morte violenta estava agora escrita em minha pele.

Sabemos que duas mortes não são um alarme falso. A contagem regressiva realmente começou.

Quase desmaio, mas me agarro à consciência mordendo o lábio com ainda mais força.

— Seis — Katarina diz, limpando o sangue de minha boca com um pedaço de pano. — Relaxe.

Balanço a cabeça.

Não! Não posso relaxar. Nunca.

Katarina se esforça para manter a compostura. Ela não quer me assustar. Mas também quer fazer o que é certo, cumprir suas responsabilidades como Cêpan. Percebo que ela está dividida entre todas as reações possíveis, do pânico absoluto à calma filosófica; o que for melhor para mim e para o destino da Garde.

Ela segura minha cabeça, enxuga o suor de minha testa. A água e a pomada amenizaram um pouco a dor, mas ainda dói tanto quanto na primeira vez, talvez pior. Mas não vou falar nada. Sei que minha dor e essa evidência da morte de Dois já são uma tortura para Katarina.

— Vai ficar tudo bem — ela diz. — Ainda há muitos outros...

Sei que ela fala sem pensar. Katarina não quer colocar a vida dos membros da Garde que vêm antes de mim — Três, Quatro e Cinco — na frente da minha. Ela está apenas tentando encontrar consolo. Mas não vou deixar isso passar.

— É. É tão bom saber que outros terão que morrer antes de mim.

— Não foi isso que eu quis dizer!

Percebo que minhas palavras a magoaram. Suspiro e apoio a cabeça em seu ombro.

Às vezes, num canto profundo de meus pensamentos, uso outro nome para Katarina. Às vezes, para mim, ela não é Katarina, Vicky, Celeste, nem qualquer outro nome falso. Às vezes, em minha cabeça, eu a chamo de “mãe”.

CAPITULO QUATRO

UMA HORA MAIS tarde estamos na estrada. Segurando com força o volante de nossa caminhonete, Katarina dirige pelas estradas de terra, reclamando do esconderijo que ela havia escolhido. Essas estradas são muito poeirentas e cheias de buracos, é impossível alcançar uma velocidade superior a sessenta quilômetros por hora, e o que nós duas queremos é a velocidade de uma autoestrada. *Qualquer coisa* que possa colocar o máximo de distância entre nós e nossa cabana agora abandonada. Katarina fez o que pôde para apagar nossos rastros, mas, se o que imaginamos for verdade — se os mogadorianos mataram Dois poucos segundos depois de seu post fatal —, então eles se moveram muito depressa, e podem estar indo para nossa casa abandonada neste mesmo instante.

Observo os campos e as colinas pela janela do carro e compreendo que eles já podem estar na cabana. Na verdade, podem já estar vindo atrás de nós na estrada. Sentindo-me uma covarde, eu me viro e olho pelo para-brisa traseiro, para a poeira que as rodas do veículo levantam atrás de nós.

Nenhum carro nos segue.

Ainda não, pelo menos.

Levamos pouca bagagem. A caminhonete já estava preparada com um kit de primeiros socorros, um conjunto de equipamentos para acampar, água mineral, lanternas e cobertores. Quando consegui caminhar novamente, só precisei pegar algumas roupas para a viagem e minha Arca, no cofre sob o piso da cabana.

O pânico da fuga não me permitiu prestar muita atenção à dor lancinante da segunda cicatriz, mas agora ela volta, intensa e persistente.

— Não devíamos ter respondido — Katarina diz. — Não sei onde estávamos com a cabeça.

Olho para ela, tentando identificar sinais de julgamento em sua expressão — afinal, fui eu que insisti para respondermos —, mas fico aliviada quando não encontro nada. Tudo que vejo são seu medo e sua determinação de nos levar para o mais longe possível.

Percebo que na confusão e na pressa de fugir não notei se viramos para o norte ou para o sul no cruzamento na fronteira de Puerto Blanco.

— Estados Unidos? — pergunto.

Katarina assente, tirando nossos passaportes mais recentes do bolso interno da jaqueta, e joga um deles em meu colo. Abro o documento e vejo meu novo nome.

— Maren Elizabeth — leio em voz alta.

Katarina dedica muito tempo às falsificações, embora eu costume reclamar dos nomes que ela escolhe para mim. Quando eu tinha oito anos e estávamos indo para a Nova Scotia, implorei para ser chamada de Starla. Katarina vetou a sugestão. Ela achava que o nome seria muito “chamativo”, muito exótico. Agora penso nisso e quase dou risada. Uma Katarina no México é mais exótico do que qualquer coisa. E é claro que ela o manterá. Katarina se apegou ao *próprio* nome. Às vezes, desconfio que, afinal de contas, os Cêpans não são tão diferentes dos pais.

Maren Elizabeth... Não é Starla, mas gosto de como soa.

Eu estendo o braço para segurar minha panturrilha, logo acima das cicatrizes pulsantes no tornozelo. Apertando ali, consigo minimizar a dor da carne queimada.

No entanto, quando a dor diminui, o medo volta. Medo de nossa situação atual, o horror da morte de Dois. Decido soltar a panturrilha e deixar a perna arder.



Katarina se nega a parar o carro para qualquer coisa que não seja gasolina e idas ao banheiro. A viagem é longa, mas temos formas de passar o tempo. Geralmente, brincamos de Sombra, um jogo que ela inventou em nossas viagens anteriores, resultado de nossa vontade de continuar treinando mesmo quando não podíamos fazer exercícios físicos.

— Um mensageiro mogadoriano corre em sua direção, vindo do lado direito, empunhando uma adaga de cinquenta centímetros na mão esquerda. Ele ataca.

— Eu me abaixo — digo. — E me esquivo para o lado esquerdo.

— Ele se vira e passa a adaga acima de sua cabeça.

— Do chão, chuto a virilha dele. Passo uma rasteira, da direita para a esquerda.

— Ele cai de costas, mas segura seu braço.

— Deixo que ele segure. Uso a força dele para girar minhas pernas, erguê-las e descer na cabeça dele. Piso no rosto dele e solto meu braço.

É um jogo estranho. Ele me obriga a separar o físico da realidade, a lutar com o

cérebro, não com o corpo. Eu costumava reclamar de partidas de Sombra, dizendo que era tudo inventado, que não tinha nada de real. Lutar era coisa de pés, punhos e cabeças. Não de cérebro. Não de palavras.

Quanto mais jogávamos Sombra, porém, melhor eu ficava nos exercícios físicos, especialmente nos de luta contra Katarina. Eu não podia negar que o jogo era uma boa forma de praticar. Fazia de mim uma lutadora melhor. Passei a adorar o jogo.

— Eu corro — continuo.

— Tarde demais — ela responde. Quase me queixo, porque sei o que vem a seguir. — Você se esqueceu da adaga. Ele já a ergueu e cortou a lateral de seu corpo.

— Não — digo. — Eu congelei a adaga e a quebrei como vidro.

— Ah, é? — Katarina está cansada, com os olhos avermelhados depois de passar dez horas dirigindo, mas vejo que a estou divertindo. — Acho que perdi essa parte.

— É — eu digo, começando a sorrir.

— E como você conseguiria essa façanha?

— Meu Legado. Acabou de se manifestar. Acontece que posso congelar as coisas.

Isso é faz de conta. Ainda não desenvolvi meus Legados, e nem imagino quais serão.

— Esse é ótimo — Katarina concorda.

CAPITULO CINCO

ATRAVESSAMOS A FRONTEIRA dos Estados Unidos há horas, sem nenhum problema. Nunca entendi como Katarina consegue forjar documentos tão perfeitos.

Agora estamos entrando em uma parada de caminhoneiro à beira da estrada. Há um pequeno hotel de um andar, um restaurante antiquado e decrépito e um posto de gasolina mais novo e mais limpo que as outras duas construções.

Está escuro quando saímos do automóvel. Uma suave luminosidade rosada flutua no horizonte, o suficiente para dar à nossa pele uma coloração estranha à medida que tropeçamos nos cascalhos no chão.

Katarina resmunga alguma frase e volta à caminhonete.

— Eu me esqueci de abastecer — ela comenta. — Espere aqui.

Faço o que ela diz, vendo-a tirar a caminhonete do estacionamento do hotel e dirigir até uma das bombas do posto de gasolina. Decidimos descansar ali durante um ou dois dias, para nos recuperarmos da viagem horrível de quinze horas e do choque dos últimos acontecimentos. Mesmo assim, apesar de ficarmos ali por um tempo, o tanque deve ficar cheio: essa é a política de Katarina.

— Nunca deixe o tanque vazio — ela diz. Acho que ela fala isso tanto para lembrar a si mesma quanto para me educar.

É uma boa política. Nunca se sabe quando vai ser preciso sair às pressas.

Vejo Katarina parar ao lado da bomba e abastecer a caminhonete.

Examino o ambiente à volta. Pela janela do restaurante do outro lado do estacionamento, vejo alguns caminhoneiros de aspecto envelhecido comendo. Em meio ao cheiro de gasolina das bombas e dos gases de escapamento, sinto o aroma de comida no ar.

Ou talvez seja só minha imaginação. Estou incrivelmente faminta. Minha boca se enche de água quando penso em uma refeição quente.

Viro de costas para o restaurante, tentando não pensar em comida, e olho para a cidade do outro lado da cerca da parada de caminhoneiro. As casas são pouco melhores que barracos de madeira. O lugar é desolado, miserável.

— Oi, moça.

Assustada, eu me viro e vejo um caubói alto e grisalho caminhando

calmamente. Levo um segundo para compreender que ele não está começando uma conversa, só está sendo educado enquanto passa por ali. Ele toca a aba do chapéu, dá um leve aceno com a cabeça e vai para o restaurante.

Meu coração dispara.

Eu havia esquecido esse aspecto da estrada. Quando estamos instaladas em um lugar, mesmo que seja em um local isolado como Puerto Blanco, aprendemos a reconhecer os moradores locais. Sabemos, mais ou menos, em quem confiar. Nunca vi um mogadoriano, mas Katarina diz que a maioria deles tem uma aparência comum. Depois do que aconteceu com Um e Dois, sinto uma profunda inquietação, uma nova noção de alerta. Uma parada à beira da estrada é especialmente preocupante, porque ninguém ali se conhece, então nada causa estranheza. Para nós, isso significa que todos representam uma ameaça.

Katarina estacionou a caminhonete e vem em minha direção com um sorriso cansado.

— Comer ou dormir? — ela pergunta. Antes que eu possa responder, ela levanta a mão cheia de esperança. — Eu voto dormir.

— Eu voto comer — Katarina deixa cair os ombros. — Você *sabe* que comer ganha de dormir — insisto. — Sempre — Essa é uma de nossas regras em viagens, e ela logo aceita a decisão.

— Tudo bem, Maren Elizabeth — ela diz. — Vá em frente.

CAPITULO SEIS

O RESTAURANTE ESTÁ úmido de gordura. Quase todas as mesas estão ocupadas, a maioria por caminhoneiros. Enquanto espero pela comida que pedimos, vejo esses homens devorarem garfadas generosas de salsicha, bacon e bolo de carne, tudo com muito caldo. Quando finalmente somos servidas, eu acabo me saindo muito bem. Três panquecas, quatro tiras de bacon, uma porção de picadinho de carne e um copo grande de suco de laranja.

Termino de comer e dou um arrote grosseiro que Katarina está cansada demais para reprovar.

— Acha que...? — pergunto.

Katarina ri, antecipando minha pergunta.

— Como é possível?

Dou de ombros. Ela assente com a cabeça e chama a garçonete. Com um sorriso culpado, peço mais uma porção de panquecas.

— Puxa — a garçonete responde, com a voz rouca e seca de fumante —, sua menina come bem.

Ela é uma mulher de idade, com o rosto tão enrugado e magro que seria possível confundi-la com um homem.

— Sim, senhora — concordo.

Ela se afasta.

— Seu apetite nunca vai deixar de me impressionar — comenta Katarina.

Mas ela sabe que há um motivo para isso. Treino constantemente e, apesar de ter apenas treze anos, já desenvolvi o corpo musculoso de uma ginasta. Preciso de muito combustível e não tenho vergonha de meu apetite.

Outro freguês entra no restaurante cheio.

Noto que os outros homens o observam de um jeito desconfiado enquanto ele anda até uma mesa no fundo do salão. Eles olharam para mim e Katarina com uma desconfiança parecida quando entramos. Achei que aquele lugar fosse uma parada de descanso, cheia de estranhos, mas, aparentemente, *alguns* desconhecidos geravam suspeita e outros, não. Katarina e eu estamos fazendo o possível, usando roupas comuns em qualquer loja americana: camiseta e short cáqui. Entendo por

que nos destacamos: aparentemente, ali nos confins do oeste do Texas, o entendimento de “comum” é diferente.

Mas esse outro estranho é mais difícil de se definir. Ele faz mais ou menos o estilo: usa uma daquelas gravatas texanas, com faixas de couro preto penduradas. E como os outros homens ali, ele calça botas.

Mas suas roupas parecem antiquadas, e há algo esquisito a respeito de bigode preto: à primeira vista parece reto, mas, quanto mais o analiso, mais tenho a impressão de que alguma coisa nele é *torta*.

— Não é educado encarar as pessoas — Katarina diz em tom de censura.

— Eu não estava encarando — minto. — Estava olhando com interesse.

Ela ri. Katarina riu mais nas últimas vinte e quatro horas do que em vários meses. Vou levar algum tempo para me acostumar com essa nova Katarina.

Não que eu me incomode.



Eu me espreguiço deliciosamente na cama do hotel enquanto Katarina toma banho. Os lençóis são baratos, de poliéster ou raiom, mas estou tão cansada da viagem que é como se fossem de seda.

Quando Katarina puxou as cobertas da cama, encontramos uma lacraia viva embaixo do travesseiro. Ela ficou com nojo, mas eu não me incomodei.

— Mate-a — Katarina pediu, cobrindo os olhos.

Eu me recusei.

— É só um inseto.

— Mate-a! — ela implorou.

Em vez disso, empurrei o inseto para fora da cama e pulei para cima dela.

— Não — respondi, teimosa.

— Tudo bem — Katarina respondeu e foi tomar banho. Ela abriu o chuveiro, mas logo depois saiu do banheiro. — Estou preocupada... — ela disse.

— Com o quê?

— Acho que não a treinei muito bem.

Revirei os olhos.

— Por que eu não quis matar um inseto?!

— Sim. Não, quer dizer, foi isso que me fez pensar. Você tem que aprender a

matar sem hesitação. Eu nem a ensinei a caçar roedores, quanto mais mogadorianos... Você nunca matou nada...

Katarina hesitou, com a água caindo atrás de si. Ela estava pensando.

Dava para ver que ela estava exausta, perdida em reflexões. Às vezes, quando fazemos sessões de treino muito desgastantes, ela fica assim.

— Kat — falei. — Vá tomar banho.

Ela olhou para mim, interrompendo seu devaneio. Deu uma risada, entrou no banheiro e fechou a porta.

Enquanto a esperava deitada na cama, liguei a televisão. O hóspede anterior havia deixado na CNN, e me foi apresentada a imagem aérea do “incidente” na Inglaterra. Fico vendo apenas o bastante para saber que tanto a imprensa quanto as autoridades britânicas estão confusas em relação ao que realmente *aconteceu* ontem. Estou cansada demais para pensar nisso; vou deixar os detalhes para mais tarde.

Desligo a tevê e me acomodo na cama, querendo que o sono me leve.

Katarina sai do banheiro momentos depois, vestindo um roupão e escovando os cabelos. Eu a observo com olhos semicerrados.

Alguém bate à porta.

Olhamos uma para a outra, e Katarina coloca a escova na cômoda.

— Quem é? — ela pergunta.

— O gerente, senhora. Trouxe umas toalhas limpas e gelo.

A interrupção me irrita tanto — quero dormir, e é bem evidente que não precisamos de toalhas limpas, já que acabamos de entrar no quarto — que pulo da cama sem pensar no que estou fazendo.

— Não precisamos de nenhuma... — digo, já abrindo a porta.

Só tenho tempo para ouvir Katarina dizer “não” antes de vê-lo diante de mim. O homem do bigode torto.

O grito fica preso em minha garganta enquanto ele entra no quarto e fecha a porta atrás de si.

CAPITULO SETE

— BELO COLAR — ELE grunhe, os olhos iluminados pela compreensão.

Meu pingente está para fora da camiseta. Totalmente exposto.

Se ele tinha qualquer dúvida sobre quem eu sou, agora não tem mais.

O homem tira algum objeto da cintura — uma faca longa e fina — e a ergue tão depressa que nem tenho tempo para reagir. Vejo apenas o vulto da lâmina descendo — como uma estaca — em meu cérebro.

Minha cabeça é imediatamente inundada por calor e luz.

Então essa é a sensação de morrer, penso.

Mas não. Não sinto dor.

Olho para cima. *Como ainda consigo enxergar?*, eu penso. *Estou morta.* Mas enxergo, e percebo que estou coberta da cabeça aos pés de sangue vermelho-vivo. O Homem do Bigode Torto ainda está com o braço estendido, a boca paralisada num sorriso de vitória, mas sua cabeça foi aberta, como se tivesse sido cortada por uma faca, e seu sangue jorra sobre meus joelhos.

Ouçõ Katarina berrar — é um barulho tão primal que não consigo determinar se é um choro de dor ou um grito de alívio — quando o homem, sem sangue, transforma-se rapidamente em pó, desmoronando em um monte de cinzas.

Antes que eu consiga respirar, Katarina está pegando nossos pertences.

— Ele morreu — digo. — Eu não.

— Sim — responde Katarina.

Sinto-me como uma criança, sem fala, imóvel, coberta de sangue, caída no chão.

Foi isso — o momento para o qual tenho treinado a vida inteira —, e tudo o que pude fazer foi dar um empurrão, repellido com facilidade antes de ser jogada no chão e esfaqueada.

— Ele não sabia — digo.

— Ele não sabia — Katarina repete.

O que o homem não sabia era que qualquer tentativa de me ferir fora de ordem reverteria contra o agressor. Eu estava protegida de um ataque direto. Sabia disso, mas também não sabia *realmente*. Quando ele enfiou a faca em minha cabeça,

pensei que havia morrido. Tive que ver para crer.

Levanto o braço e toco o couro cabeludo. A pele está intacta, nem sequer sensível.

Essa é a prova. Estamos protegidos pelo encantamento. Enquanto estivermos afastados uns dos outros, só poderemos ser mortos na ordem numérica.

Vejo que o sangue dele agora se transformou em cinzas tal como o restante do corpo. Não estou mais encharcada.

— Precisamos ir.

Katarina põe a Arca em meus braços, seu rosto quase colado ao meu. Percebo que me desliguei, retirei-me para um lugar dentro de mim mesma, afastando-me do choque resultante do que acabou de acontecer. Pelo tom de voz de Katarina, compreendo que essa deve ser a terceira ou quarta vez que ela fala isso, embora só agora eu escute sua voz.

— *Agora* — ela acrescenta.



Katarina me puxa pelo pulso, carregando nossa mala na outra mão. O asfalto quente do estacionamento queima a sola de meus pés descalços enquanto corremos para a caminhonete. A Arca pesa em meus braços.

Passei a vida inteira preparando-me para lutar e, agora que o momento chegou, eu só quero dormir. Meus pés se arrastam, os braços parecem pesados.

— Mais depressa! — Katarina fala enquanto me puxa.

A caminhonete não está trancada. Eu me acomodo no banco do passageiro enquanto Katarina joga nossas coisas na caçamba e pula para o assento do motorista. Assim que ela fecha a porta, vejo um homem correndo em nossa direção.

Por um momento acho que é o gerente do hotel, tentando nos impedir de sair sem pagar a conta. Mas então reconheço o caubói que vi antes, o que foi educado e me cumprimentou. Não há nada de educado na maneira como ele corre para nós agora, com o punho erguido.

A mão dele arrebenta a janela do passageiro, e sou coberta de cacos de vidro. O homem agarra minha blusa, e sinto que sou erguida do assento.

Katarina grita.

— Ei! — uma voz exclama do lado de fora.

Apalpo à minha volta, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, em que me segurar. Só acho o cinto de segurança solto, que cede facilmente quando o mog começa a me puxar pela janela. Sinto a mão de Katarina agarrando a parte de trás de minha blusa.

— Eu pensaria duas vezes antes de fazer isso! — um homem grita, e logo sou solta, caindo de volta no banco.

Estou sem fôlego, e minha cabeça gira.

Fora da caminhonete, há uma pequena multidão. Caminhoneiros e caubóis, americanos comuns. Eles cercaram o mog.

— As chaves. — Katarina está à beira das lágrimas, entrando em pânico. — Estão no quarto!

Não penso em nada, apenas ajo. Não sei por quanto tempo o mog será contido pela multidão protetora, nossos salvadores, mas não me importo: volto correndo ao quarto, pego as chaves em cima do criado-mudo e volto ao estacionamento quente.

O mog está ajoelhado no chão, cercado por homens furiosos. Um deles está armado com uma espingarda e aponta diretamente para ele. Com um sorriso torto e amargo, o mog está de mãos erguidas, num gesto de rendição.

— Chamamos a polícia, moça — diz um deles.

Respondo com um aceno com a cabeça, com muitas lágrimas nos olhos. Estou tão nervosa que nem consigo agradecer. É estranho e maravilhoso pensar que nenhum desses homens nos conhece, e mesmo assim todos correram em nosso socorro, mas também é assustador pensar que eles não compreendem o verdadeiro poder desse mog, que, se ele não houvesse sido orientado a ser discreto, já teria arrancado a pele de cada um.

Entro na caminhonete e entrego as chaves a Katarina. Momentos depois, saímos do estacionamento e não olhamos para trás.

CAPÍTULO OITO

KATARINA ESTAVA ERRADA. Eu já matei antes. Anos atrás, em Nova Scotia.

Era início de inverno, e Katarina havia me liberado dos estudos para brincar em nosso quintal coberto de neve. Saí correndo que nem uma louca em minhas roupas largas, dando voltas, pulando em montes de neve e arremessando bolas de neve para o alto.

Eu detestava o casaco pesado e a calça impermeável, então, assim que tive certeza de que Katarina havia se afastado da janela, eu as tirei e fiquei usando apenas jeans e camiseta. A temperatura estava congelante, mas eu sempre havia sido resistente ao frio. Continuei brincando e correndo, até que Clifford, o são-bernardo da casa vizinha, veio pulando para brincar comigo.

Ele era um cachorro enorme, e eu era pequena naquela época, mesmo para minha idade. Então montei nele e me segurei nos pelos quentes de seu corpo.

— Em frente! — gritei, e ele começou a correr.

Eu o cavalguei como se ele fosse um pônei, dando voltas e voltas pelo quintal.

Havia pouco tempo, Katarina me contara um pouco mais de minha história e de meu futuro. Eu não tinha idade suficiente para entender completamente, mas sabia que aquilo significava que eu era uma guerreira. Isso me agradou, porque sempre me senti uma heroína, uma campeã. Tratei aquela brincadeira com Clifford como mais uma sessão de treino. Eu me imaginei enfrentando inimigos sem rosto no meio da neve, caçando-os e eliminando-os.

Clifford havia acabado de me levar até a borda do bosque quando parou e rosnou. Levantei a cabeça e vi um coelho marrom-claro correndo por entre as árvores. Segundos depois, estava caída de costas, derrubada por Clifford.

Levantei-me e saí correndo atrás do cachorro para dentro do bosque. Minha perseguição imaginária se tornara bastante real enquanto Clifford corria atrás do coelho e eu o seguia.

Eu estava delirante, sem fôlego, feliz. Quer dizer, até que a perseguição acabou.

Clifford pegou o coelho com a boca e voltou ao quintal de seus donos. Eu estava desolada tanto pelo fim da perseguição quanto pelo provável fim da vida do coelho, e passei a seguir o cachorro, tentando mandá-lo soltar o coelho.

— Cachorro mau — eu disse. — Cachorro muito mau!

Ele estava satisfeito demais com sua conquista para me dar alguma atenção. No quintal, ele fuçava e mordiscava o pelo úmido do coelho. Tive que afastá-lo à força do corpo do coelho para fazê-lo largar o animal, e mesmo assim ele latiu para mim.

Briguei com Clifford, e ele foi embora mal-humorado. Olhei para o coelho, sujo e coberto de sangue.

Ele não estava morto.

Toda minha severidade se desfez quando peguei aquela criatura leve e peluda do chão e o aproximei do peito. Senti seu coraçãozinho batendo furiosamente à beira da morte. Seus olhos estavam vidrados, cheios de confusão.

Eu sabia o que ia acontecer a ele. Os ferimentos não eram profundos, mas o animal morreria de choque. Ainda não estava morto, mas já estava além da vida. Só o que aguardava aquele pobre ser era a paralisia causada pelo medo e uma morte lenta e fria.

Olhei para a janela. Katarina não estava à vista. Olhei novamente para o coelho, sabendo imediatamente qual seria a atitude mais generosa.

Você é uma guerreira, Katarina dissera.

— Sou uma guerreira.

Minhas palavras se condensaram no ar diante de meu rosto. Segurei o pescoço da criatura delicada com ambas as mãos e torci com firmeza.

Enterrei o corpo do coelho na neve, bem fundo, de modo que nem Clifford o encontrasse.

Katarina estava enganada: eu já matei antes. Por misericórdia.

Mas ainda não por vingança.

CAPÍTULO NOVE

KATARINA PARA A caminhonete na beira da estrada de terra e nós descemos. Passamos o dia inteiro viajando, e agora são três da madrugada. Estamos em Arkansas, no Parque Estadual Lago Ouachita. A entrada do parque estava fechada, então Katarina passou pela corrente e entrou com a caminhonete, seguindo pela escuridão do bosque até chegarmos à via principal do acampamento.

Já estivemos ali antes, embora eu não lembre. Katarina diz que acampamos aqui quando eu era bem pequena, e que ela tinha pensado que aqui seria um bom lugar para enterrar minha Arca, se algum dia fosse necessário.

Aparentemente, é necessário.

Fora da caminhonete, ouço a água do lago lambendo mansamente a margem. Katarina e eu caminhamos por entre as árvores, seguindo esse som. Eu carrego a Arca. Decidimos que é complicado e perigoso demais mantê-la conosco. Katarina diz que ela não deve cair nas mãos dos mogadorianos.

Não a pressiono a respeito disso, embora a tarefa contenha uma implicação sombria que me atormenta. Se Katarina acha que chegou o momento de enterrarmos a Arca para mantê-la em segurança, ela deve acreditar que nossa captura agora é provável. Talvez inevitável.

Estremeço com o frio da noite enquanto espanto os mosquitos com as mãos. Eles são mais numerosos à medida que nos aproximamos da beira da água.

Finalmente chegamos à margem. No meio do lago, vejo uma pequena ilha verde e conheço Katarina o bastante para saber em que ela está pensando.

— Eu cuido disso — ela fala.

Mas mal consegue pronunciar as palavras. Está exausta, à beira de um colapso. Ela não dorme há dias. Eu também quase não dormi, só um ou outro cochilo rápido no carro. Mas isso é mais do que Katarina teve, e sei que ela precisa descansar.

— Deite-se — digo. — Eu faço.

Ela protesta sem muita convicção, mas logo está deitada no chão perto da margem do lago.

— Descanse — digo.

Pego o cobertor que ela trouxe para usar como toalha e a cubro com ele, a fim

de protegê-la dos mosquitos.

Tiro minhas roupas e então pego a Arca com firmeza e entro na água. No início fico tensa, mas, quando estou submersa, sinto que a água está relativamente morna. Começo a nadar num estilo cachorrinho desajeitado, usando um braço para dar impulso na água e o outro para segurar a Arca.

Nunca antes nadei à noite, e preciso fazer um enorme esforço para não imaginar mãos subindo das profundezas turvas para agarrar minhas pernas e me puxar para o fundo. Fico concentrada em meu objetivo.

Chego à ilha depois do que parece ter sido uma hora, mas provavelmente não passou de dez minutos. Saio da água tremendo pelo contato do ar em minha pele nua, e caminho desajeitada pelas pedras que cobrem o chão. Vou até o centro da pequena ilha. Ela é quase redonda, deve ter menos de meio hectare, então não demoro a chegar.

Cavo um buraco de um metro de profundidade, e isso leva mais tempo do que gastei para nadar até lá. Perto de terminar, minhas mãos estão sangrando, feridas pela terra áspera, ardendo mais e mais a cada punhado de terra que retiro.

Ponho a Arca no buraco. Não quero me separar dela, embora eu nunca tenha visto o que há lá dentro, nunca sequer a tenha aberto. Considero a ideia de fazer uma oração por ela, fonte de tantas promessas e de potencial tão grande.

Decido não rezar. Em vez disso, chuto terra para dentro do buraco até fechá-lo e depois aliso a superfície.

Sei que talvez eu nunca mais veja minha Arca.

Volto à água e nado até Katarina.

CAPITULO DEZ

FAZ UMA SEMANA que chegamos ao estado de Nova York. Estamos em um pequeno hotel junto a um pomar de macieiras e a um campo público de futebol. Katarina tem planejado nosso próximo passo.

Não houve nenhum anúncio suspeito nos jornais ou na Internet. Isso nos dá alguma esperança pelo futuro de Lorien e também de que os mogadorianos perderam nosso rastro.

É tolice, mas eu me sinto pronta para lutar. Talvez eu não estivesse pronta no outro hotel, mas agora estou. Não interessa se não tenho meus Legados. Lutar é melhor que fugir.

— Você não está falando a sério — ela diz. — Precisamos ser prudentes.

E então esperamos. Katarina não tem estado concentrada nos treinos, mas ainda fazemos o melhor possível, com flexões e exercícios de luta de dia, dentro do quarto, e atividades mais elaboradas nos cantos escuros do campo de futebol à noite.

Durante o dia, tenho permissão para andar pelo pomar, e sinto o cheiro adocicado das maçãs em decomposição no chão. Katarina me disse para não brincar no campo de futebol de dia nem conversar com as crianças que jogam lá. Ela quer que mantenhamos um perfil discreto.

Mas, de trás de uma árvore na orla do pomar, posso observar o campo. Hoje há meninas jogando. Elas vestem camiseta roxa e short branco. Têm mais ou menos minha idade. Parada à sombra da macieira, imagino como seria jogar algo livre e inconsequente como uma partida de futebol. Acho que eu seria boa nisso: adoro atividades físicas, sou forte e rápida. Não: eu seria ótima nisso.

Mas não posso praticar jogos sem importância.

Sinto a inveja subir por minha garganta como bile. É um sentimento novo para mim. Normalmente, aceito meu destino com resignação. Mas nesta viagem, com nossa quase derrota para os mogadorianos, algo despertou em mim um ódio por essas meninas e a vida fácil que têm.

Mas eu o reprimo. Preciso poupar meu desprezo para os mogs.

À noite, nós nos permitimos assistir a um pouco de televisão antes de dormir. Isso é um luxo que Katarina normalmente não me deixa ter, porque ela acha que a tevê entorpece os sentidos e apodrece o cérebro. Mas até Katarina amolece de vez em quando.

Encolho-me junto a ela na cama de casal. Na tevê está passando um filme sobre uma mulher que mora na cidade de Nova York e se queixa da dificuldade para encontrar um homem bom. Minha atenção se desvia rapidamente da tela para o rosto de Katarina, que se suavizou enquanto ela acompanha a trama. Ela sucumbiu à história.

Katarina percebe que estou olhando para ela e na mesma hora fica vermelha.

— Posso ser boba de vez em quando. — Ela volta a olhar para a televisão. — Não posso evitar. Ele é tão bonito.

Olho de novo para a tela. A mulher agora está gritando com o homem bonito, chamando-o de “porco machista”. Vi bem poucos filmes, mas já imagino como este vai acabar. Acho que o homem é bonito, mas não me sinto tão fascinada por ele quanto Katarina.

— Você já teve um namorado? — pergunto.

Ela ri.

— Em Lorien, sim. Eu era casada.

Meu coração fica apertado, e me sinto envergonhada diante de meu egocentrismo. Como é que nunca perguntei isso antes? Como é que eu nunca soube que ela tinha um marido, uma família? Hesitei antes de fazer outra pergunta, porque só posso imaginar que o marido dela morreu na invasão mogadoriana.

Fico muito triste por minha Katarina.

E mudo de assunto.

— Mas e desde que chegamos à Terra?

Katarina ri outra vez.

— Você tem estado comigo o tempo todo. Acho que saberia se eu tivesse namorado alguém!

Também dou risada, embora minha diversão esteja misturada à tristeza. Katarina não poderia ter namorado mesmo se quisesse, e a culpa era minha. Porque ela estava ocupada demais *me* protegendo.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Por que tantas perguntas assim do nada? Você está apaixonada? Viu algum menino bonito lá no campo de futebol?

Ela estende o braço e me belisca, fazendo cócegas. Eu me contorço e me afasto, rindo.

— Não — respondo com honestidade.

Às vezes há meninos jogando no campo, e eu os observo, mas normalmente é só para avaliar seus reflexos e sua capacidade atlética, compará-los com os meus. Acho que jamais poderia *gostar* de um deles. Não acho que poderia amar alguém que não estivesse envolvido comigo nessa batalha. Jamais poderia respeitar alguém que não fizesse parte da guerra contra os mogs para salvar Lorien.

Na tevê, a mulher está debaixo de chuva, com o rosto coberto de lágrimas, dizendo ao homem bonito que ela mudou de ideia, que afinal o amor é o mais importante.

— Katarina?

Ela olha para mim. Não preciso dizer nada; ela me conhece bem.

Katarina muda de canal até encontrarmos um filme de ação. Ficamos assistindo juntas até pegarmos no sono.

CAPITULO ONZE

NO DIA SEGUINTE, depois dos exercícios e dos estudos, volto ao pomar. Faz calor, e caminho pelas sombras das árvores, pisando em maçãs amolecidas, em decomposição, sentindo-as se desmancharem sob meus pés.

Apesar do sol forte, o ar hoje é fresco e agradável, nem muito quente, nem muito frio. Sinto-me estranhamente feliz e otimista enquanto passeio.

Katarina está reservando nossas passagens para a Austrália. Ela acha que lá é um esconderijo tão bom quanto qualquer outro. Já estou animada com a viagem.

Eu me viro, pronta para voltar ao hotel, quando uma bola de futebol passa rolando por mim, atropelando maçãs esmagadas. Sem pensar, pulo para a frente e piso na bola com um pé, fazendo-a parar.

— Vai devolver ou não?

Assustada, viro-me. Uma menina bonita com cabelos castanhos em um rabo de cavalo olha para mim da beira do pomar. Ela usa uniforme de futebol e está de boca aberta, mascarando chiclete.

Tiro o pé de cima da bola, contorno-a e a chuto na direção da menina. Uso mais força do que deveria: quando ela agarra a bola com as mãos, a força do impacto quase a derruba.

— Calma! — ela grita.

— Desculpe — digo, imediatamente envergonhada.

— Foi um bom chute — a garota diz, examinando-me. — Muito bom.

Momentos depois estou no campo. Faltava uma jogadora para o treino das meninas, e Tyra, a garota do chiclete, de algum modo convenceu a treinadora a me deixar jogar.

Não conheço as regras do futebol, mas não demoro muito para aprendê-las. Devo isso a Katarina, que sempre manteve meu cérebro ágil o bastante para processar regras rapidamente. A treinadora, uma mulher atarracada e carrancuda com um apito na boca, me põe para jogar na zaga, e logo me estabeleço como uma força. As meninas em meu time se adaptam em seguida e logo formam uma parede, obrigando as atacantes do time adversário a passarem por mim na lateral direita do campo.

Nenhuma delas passa sem perder a bola.

Em pouco tempo estou toda suada, com grama grudada em minhas panturrilhas — felizmente, hoje calcei meias compridas, então ninguém vê minhas cicatrizes. Estou tonta e feliz com o sol forte e os elogios de minhas companheiras de time.

Acontece um lance à minha esquerda. Tyra tomou a bola de uma atacante adversária e passou a ser perseguida por outra jogadora. Sou a única jogadora livre, e ela consegue chutar a bola para mim.

De repente, quase todo o time adversário está vindo atrás de mim. Minhas companheiras vão atrás delas, tentando afastá-las, enquanto eu corro rapidamente para o gol levando a bola. Vejo a goleira se preparando, esperando meu avanço. As adversárias escapam do bloqueio de minhas companheiras de time. Embora eu ainda esteja quase no meio do campo, sei que esta é minha única chance.

Chuto.

A bola descreve uma longa curva, voando como um foguete. Agi muito depressa, afobada, e chutei exatamente em cima da goleira. Tenho certeza de que ela vai pegar.

Ela pega. Mas eu chutei com tanta força que o impacto a desequilibra, e a bola escapa de suas mãos e vai parar no fundo da rede.

Minhas companheiras comemoram. As adversárias se juntam aos elogios; a partida é só um treino, então elas podem reconhecer minha habilidade sem sacrificar muito do próprio orgulho.

Tyra me dá um tapinha no ombro. Percebo que ela se sente um pouco orgulhosa por ter me convencido a sair do pomar. A treinadora me puxa de lado e pergunta em que colégio eu estudo. É evidente que ela me quer no time.

— Não sou daqui — respondo. — Sinto muito.

Ela dá de ombros e elogia meu desempenho.

Abro um sorriso e saio do campo. Percebo que as meninas querem fazer amizade comigo, todas reunidas, observando-me partir. Imagino uma vida diferente para mim, uma vida como a delas. A imagem tem seus encantos, mas sei que meu lugar é ao lado de Katarina.

Volto ao hotel fazendo o possível para apagar do rosto o sorriso de vitória. Sinto um ímpeto infantil de tagarelar sobre o jogo para Katarina, embora ela tivesse me falado para não jogar. Apesar de meus esforços, acabo voltando correndo para nosso quarto, pronta para me vangloriar.

A porta está destrancada e eu a abro, ainda sorrindo como uma idiota.

O sorriso não dura muito.

Há dez homens dentro do quarto — mogadorianos. Há sinais de luta por toda parte, e alguns montes de cinzas estão espalhados pelo chão. Katarina está amarrada na cadeira da escrivaninha, com a boca amordaçada e a testa ensanguentada, e seus olhos se enchem de lágrimas quando ela me vê.

Eu me viro para correr, mas então os vejo. Mais homens, alguns em carros, outros em pé, espalhados pelo estacionamento. Deve haver uns trinta mogadorianos no total.

Fomos pegas.

CAPITULO DOZE

ESTOU EM MINHA cela há três dias. Não tenho nada aqui comigo além de uma bandeja de metal vazia que continha a refeição de hoje.

Não sobrou nem uma migalha de comida na bandeja: eu a lambi completamente ontem. Quando acordei nesta cela há três dias, minha intenção era fazer greve de fome contra meus captores, recusar toda a comida e a água até eles me deixarem ver minha Katarina. Mas eles mesmos passaram dois dias sem me dar água nem comida. Eu tinha começado a pensar que havia sido esquecida na cela. Quando a comida chegou, eu estava tão enlouquecida de desesperança que esqueci meu plano original e devorei a lavagem que eles passaram pela abertura estreita na porta.

O esquisito é que eu não estava particularmente faminta. Estava abatida, mas não me sentia fraca por causa da fome. Meu pingente pulsava fracamente contra meu peito nos dias em que passei na escuridão, e comecei a suspeitar que o encantamento me protegia contra a fome e a desidratação. Porém, embora eu não estivesse faminta nem desidratada, nunca havia passado tanto tempo sem comida e água, e a experiência de privação me levou a uma espécie de loucura temporária. Eu não sentia fome nem sede fisicamente, mas mentalmente.

As paredes são de pedra grossa e áspera. Não tem tanto a aparência de uma prisão, mas uma toca improvisada. O lugar parece ter sido escavado em uma formação rochosa natural, e não construído. Acho que é um indício de que estamos em alguma estrutura natural: uma caverna, ou o interior de uma montanha.

Sei que talvez eu nunca encontre a resposta.

Tentei raspar as paredes de minha cela, mas até eu sei que não há nada que possa fazer. Em minhas tentativas, tudo o que consegui foi desgastar minhas unhas até meus dedos começarem a sangrar.

O que me resta agora é ficar ali sentada e tentar preservar minha sanidade.

Esta é minha única missão: não deixar o confinamento solitário me enlouquecer. Posso deixar que me endureça, posso deixar que me fortaleça, mas não posso deixar que me leve à loucura. É um estranho desafio permanecer sã. Se você se concentra demais em preservar a sanidade, a sutileza da tarefa pode

enlouquecer ainda mais. Por outro lado, se você esquece a missão, se tenta preservar a sanidade evitando sequer pensar no assunto, pode deixar a mente viajar por caminhos tão tortuosos que, novamente, acaba caindo na loucura. O complicado é encontrar um meio-termo: um distanciamento, um estado de neutralidade.

Concentro-me em minha respiração. *Inspirar, expirar. Expirar, inspirar.*

Quando não estou me alongando ou fazendo flexões em um canto, isto é tudo o que faço: simplesmente respiro.

Inspirar, expirar. Expirar, inspirar.

Katarina chama isso de meditação. Ela costumava me incentivar a fazer exercícios de meditação para manter a concentração. Acreditava que isso me ajudaria a lutar. Nunca segui seu conselho. Parecia muito chato. Mas, agora que estou em minha cela, acho que é um recurso salvador, a melhor maneira de preservar minha sanidade.

Estou meditando quando a porta da cela é aberta. Eu me viro, meus olhos tentando se ajustar à luz que vem do corredor. Um mog está ali parado, com vários outros atrás dele.

Vejo que ele segura um balde, e por um segundo imagino que ele trouxe água fresca para eu beber.

Em vez disso, ele se aproxima e despeja o conteúdo do balde em minha cabeça, ensopando-me com água fria. É uma indignidade grosseira, e eu tremo de frio, mas também é revigorante, renovador. A água fria me devolve à vida, a meu ódio puro por esses mogs malditos.

Ele me põe em pé, encharcada, e amarra uma venda em minha cabeça.

Depois me solta, e me esforço para permanecer ereta.

— Venha — ele diz, empurrando-me para fora da cela até o corredor.

A venda é grossa, então ando na mais completa escuridão. Mas meus sentidos estão aguçados, e consigo caminhar quase em linha reta. Também posso sentir que há outros mogs à minha volta.

Enquanto caminho, sentindo os pés gelados sobre a pedra áspera do chão, ouço gritos e gemidos variados de outros prisioneiros. Alguns são humanos, outros, de animais. Devem estar trancados em celas como a minha. Não tenho ideia de quem são ou do que os mogs querem com eles. Mas estou concentrada demais em minha sobrevivência para me importar: estou surda para a compaixão.

Depois de uma longa marcha, o mog que lidera a guarda diz:

— Direita!

E me empurra para a direita. Ele me empurra *com força*, e eu caio de joelhos, esfolando-os na pedra.

Faço um esforço para me levantar, mas sou levantada antes, e dois mogs me jogam contra uma parede. Minhas mãos são erguidas e presas a uma corrente de aço que pende do teto, e me amordaçam. Meu tronco está estendido, e meus pés quase não tocam o chão.

Eles removem a venda de meus olhos. Estou em outra cela; esta é bastante escura. E quando meus olhos se ajustam, eu a vejo.

Katarina.

Ela está acorrentada ao teto e amordaçada, como eu. Parece bem pior que eu, ensanguentada, machucada, surrada.

Eles começaram por ela.

Outro mog entra na sala. Por incrível que pareça, ele veste uma camisa polo branca e calças cáqui impecáveis. Seu cabelo é curto. Os sapatos, mocassins, fazem um barulho suave ao pisar o chão. Ele podia ser um pai de família num bairro de subúrbio ou o gerente de uma mercearia.

Ele sorri para mim, as mãos estão nos bolsos. Seus dentes são brancos como se ele participasse de um comercial de pasta de dente.

Noto os pelos grossos em seus braços bronzeados. Ele é bonito, de um jeito comum, com um físico reduzido, mas aparentemente forte.

Eu começo a chorar, e me odeio por isso. Minhas pernas cedem completamente, e fico pendurada pelas algemas. Mas não me permito soluços altos: ele pode me ver chorar, mas não vou deixá-lo me ouvir.

O mog se aproxima de uma pequena escrivaninha em um canto da cela, abre uma gaveta e retira um estojo de plástico, abrindo-o na superfície da mesa. A lâmpada do teto ilumina uma coleção de objetos afiados de aço. Ele os pega, um de cada vez, para que eu possa vê-los. Bisturis, navalhas, pinças. Lâminas de todos os tipos. Uma minifuradeira elétrica. Ele a faz funcionar por uns instantes, um barulho enervante, antes de soltá-la.

Caminha até mim, deixando o rosto bem perto do meu. Ele fala, e seu hálito invade minhas narinas. Quero vomitar.

— Está vendo tudo isso?

Eu não respondo. Apesar da aparência comum, ele é maligno.

— Pretendo usar cada uma delas em você e em sua Cêpan, a menos que responda a todas as minhas perguntas com honestidade. Caso contrário, garanto que irão desejar estar mortas.

Ele abre um sorrisinho detestável e volta para a escrivaninha, de onde pega uma navalha fina com um cabo grosso de borracha. Vem até mim novamente e passa a parte cega da lâmina em meu rosto. O metal é frio.

— Tenho caçado vocês há muito tempo — ele diz. — Já matamos dois de seu grupo, e agora temos mais uma bem aqui, seja qual for seu número. Como pode imaginar, espero que seja a Número Três.

Tento me afastar dele, pressionando as costas contra a parede da cela, desejando poder desaparecer para dentro da pedra. Ele sorri para mim, apertando mais uma vez o lado cego da lâmina contra meu rosto, agora com mais força.

Em um movimento ágil, o mogadoriano vira a lâmina na mão, voltando o lado do fio para meu rosto.

Com um prazer cruel, ele encosta a navalha em minha bochecha e a desliza com força contra a pele. Sinto um calor familiar, mas nada de dor, e vejo, chocada, o rosto dele começar a sangrar.

O sangue jorra do corte que se abre como uma costura. Segurando o rosto, ele derruba a lâmina e começa a andar a passos duros pela sala, dominado por dor e frustração. Chuta a escrivaninha, espalhando os instrumentos de tortura pelo chão da cela, depois sai apressado. Os guardas que haviam permanecido atrás dele trocam olhares indecifráveis.

Antes que eu sequer tenha tempo de pensar, os mogs vêm até mim, soltam minhas algemas e me arrastam de volta à minha cela.

CAPITULO TREZE

DOIS DIAS SE passam. No escuro de minha cela, agora tenho que enfrentar mais do que o tédio e a loucura. Também preciso me esforçar para apagar da mente a imagem de Katarina machucada e ensanguentada. Quero me lembrar dela como a conheço, forte e sábia.

Continuo fazendo os exercícios de respiração. Eles ajudam.

Mas não muito.

Com o tempo, a porta da cela é aberta, e mais uma vez sou encharcada com água fria, meus olhos são vendados, e agora me amordaçam antes de me arrastarem de volta à mesma cela. Depois que me acorrentam ao teto, a venda é removida.

Katarina está no mesmo lugar onde a vi pela última vez, tão machucada quanto antes. Espero que a tenham soltado das algemas em algum momento.

O mesmo mog de antes está sentado diante de nós, atrás da escrivaninha, com um curativo na bochecha cortada. Percebo que se esforça para parecer tão ameaçador quanto antes. Mas ele nos observa com um medo recém-surgido.

Eu o odeio. Mais do que qualquer outra pessoa que já conheci. Se eu pudesse destroçá-lo com minhas mãos, eu faria isso. E se não pudesse usar minhas mãos, eu o arrebentaria com meus dentes.

Ele me vê encarando-o. De repente, salta em minha direção e arranca a mordança em minha boca. De novo segura a mesma navalha de cabo de borracha contra meu rosto, girando-a, fazendo a luz do teto passear pela lâmina.

— Não sei qual é seu número... — ele diz. Eu me retraio involuntariamente, esperando que o mog tente me cortar outra vez, mas ele se contém. E então, com uma calma sádica, vai até Katarina e agarra os cabelos dela. Ainda amordaçada, ela só consegue emitir um gemido. — Mas vai me dizer agora mesmo.

— Não! — grito.

Ele sorri satisfeito diante de minha angústia, como se já esperasse por isso. Aperta a lâmina no braço de Katarina e a desliza pela carne. O braço dela se abre, vertendo sangue. Katarina se debate presa pelas correntes, e lágrimas cobrem seu rosto. Tento gritar, mas minha voz desaparece: só consigo soltar um gemido alto e angustiado.

O mogadoriano faz outro corte ao lado do primeiro, esse ainda mais profundo. Katarina sucumbe à dor e desfalece.

Com meus dentes, eu penso.

— Posso passar o dia todo fazendo isto — ele diz. — Está entendendo? Você vai me dizer tudo o que quero saber, e vai começar por seu número.

Fecho os olhos. Meu coração parece queimar. Sinto-me como um vulcão, mas não há cratera, não há válvula de escape para a fúria que se acumula dentro de mim.

Quando abro os olhos, ele está novamente na escrivania, jogando uma faca grande da mão direita para a esquerda e de volta para a direita. Está descontraído, esperando que eu o observe. Agora que eu olho, ele levanta a lâmina para que eu possa ver o tamanho.

Ela começa a brilhar em sua mão, mudando de cor: violeta em um segundo, verde em outro.

— Agora... seu número. Quatro? Sete? Ou tem a sorte de ser a Número Nove?

Katarina, quase inconsciente, balança a cabeça. Sei que ela está me dizendo para continuar em silêncio. Ela se manteve calada durante todo esse tempo.

Faço um esforço para ficar quieta. Mas não consigo, não suporto vê-lo machucar minha Katarina. Minha Cêpan.

Ele vai até ela ainda com a lâmina na mão.

— Tenho todo o tempo das galáxias para isto — o mogadoriano diz simplesmente, olhando para mim. — Enquanto você está aqui comigo, nós estamos lá fora, procurando os outros. Não pense que paramos tudo só porque temos você. Sabemos mais do que você pensa. Mas queremos saber *tudo*.

Ele dá um golpe cruel em Katarina com o cabo da faca e, ainda olhando para mim, diz:

— Se não quer vê-la cortada em pedacinhos, é melhor começar a falar, e depressa. E é bom que todas as suas palavras sejam verdade. Eu *saberei* se você estiver mentindo.

Sei que ele não está fazendo jogo, e não suporto vê-lo machucar Katarina outra vez. Se eu falar, talvez ele seja misericordioso. Talvez a deixe em paz.

As palavras saem tão rápido que nem tenho tempo para organizar meus pensamentos, tão rápido que nem sei direito o que estou dizendo. Tenho uma intenção, ainda que indefinida: dizer tudo o que sei que ele *não* pode usar contra

mim ou os outros lorienos. Falo detalhes inúteis sobre minhas viagens anteriores com Katarina, nossas antigas identidades. Falo sobre minha Arca, mas não revelo onde ela está enterrada, dizendo que a perdi em algum momento da jornada. Quando começo a falar, tenho medo de parar. Sei que, se eu hesitar para medir as palavras, ele vai perceber meu plano.

Ele então me pergunta que número eu sou.

Sei o que ele quer ouvir: que eu sou a Número Quatro. Não posso ser Três, ou eles já teriam conseguido me matar. Mas, se eu for Quatro, ele só vai precisar encontrar e matar Três antes de começar seu trabalho sangrento comigo.

— Sou a Número Oito — digo finalmente.

Estou tão apavorada que falo com um murmúrio desesperado, sofrido, e sei que ele acredita. Seu rosto se desanima.

— Lamento desapontá-lo — acrescento com a voz fraca.

Mas o desapontamento dura pouco. Ele começa a sorrir, vitorioso. Posso não ser o que ele queria, mas ele conseguiu descobrir qual número eu sou. Ou qual ele pensa que é.

Tento ver os olhos de Katarina e, embora ela esteja quase inconsciente, percebo um ligeiríssimo brilho de gratidão em seus olhos. Ela está orgulhosa por eu não ter revelado meu número verdadeiro.

— Você é bem fraca, não? — O mogadoriano me olha com desprezo. *Não faz mal*, eu penso. Sinto um arroubo de superioridade em relação a ele: é burro o bastante para acreditar em minha mentira. — Seus parentes em Lorien caíram rapidamente, mas ao menos lutaram. Ao menos tinham alguma coragem e dignidade. Mas você... — Ele balança a cabeça e cospe no chão. — Você não tem nada, Número Oito.

Com isso, ele ergue a faca e a crava em Katarina. Ouço o som de ossos se quebrando, da lâmina rompendo seu esterno e chegando ao coração.

Grito. Meus olhos buscam os de Katarina. Ela me encara por um último instante. Forço as correntes para me aproximar dela, tentando estar junto à minha Cêpan em seu último momento.

Mas esse último momento é breve.

Minha Katarina está morta.

CAPITULO QUATORZE

SEMANAS TORNAM-SE MESES.

Em alguns dias não sou alimentada, mas meu pingente me protege de morrer de fome ou sede. O mais difícil é a ausência de luz do sol, a interminável escuridão. Às vezes perco a noção de onde meu corpo acaba e a escuridão começa. Perco a noção de minha própria existência, de minha própria dimensão. Sou uma nuvem de tinta na noite. Preto sobre preto.

Sinto que fui esquecida. Encarcerada, sem esperança de escapar, e sem qualquer informação que possa levá-los aos outros, agora não tenho utilidade para eles. Até eles matarem os que me precedem, até a data de minha extinção.

Meu impulso de sobrevivência tornou-se dormente. Estou viva não porque quero viver, mas porque *não posso* morrer. Às vezes, gostaria de poder.

Mesmo assim, obrigo-me a continuar trabalhando para me manter na melhor forma possível, pronta para a luta. Flexões, abdominais, partidas de Sombra.

Nessas rodadas de Sombra, aprendi a fazer a parte de Katarina junto com a minha, dando instruções a mim mesma, descrevendo meus atacantes imaginários antes de responder com minhas ações.

Eu adorava essa brincadeira antes, mas agora a odeio. Mesmo assim, em homenagem a Katarina, continuo jogando.

Quando menti para o mogadoriano, achei que tinha feito isso para que ele poupasse Katarina, para que a deixasse viver. Porém, assim que vi a faca penetrar o coração dela, percebi o que eu estava fazendo *de verdade*: estava apressando seu fim. Eu estava revelando tudo que eu sabia para que ele a matasse, de modo que Katarina não tivesse que continuar sofrendo, de modo que eu não tivesse que *vê-la* sofrer mais.

Digo a mim mesma que fiz a escolha certa. É o que Katarina teria desejado. Ela estava sofrendo demais.

Mas agora estou sem ela há tanto tempo que daria qualquer coisa por mais um momento com minha Cêpan, mesmo que, para isso, ela tivesse que sofrer tormentos inimagináveis. Eu a quero de volta.

Os mogadorianos continuam testando os limites de minha imortalidade condicional. Esses testes demoram para ser planejados e produzidos. Porém, mais ou menos a cada semana sou arrastada para fora de minha cela e levada a outra, armada para minha destruição.

Na primeira semana depois que Katarina morreu, fui levada a uma câmara pequena e posta em pé sobre uma grade de aço vários metros acima do chão. A porta foi trancada. Esperei alguns minutos enquanto a câmara era preenchida por um gás de aspecto pavoroso que subia pela grade em colunas esverdeadas. Cobri a boca, tentando não respirar, mas não consegui prender o fôlego por muito tempo. Desisti, aspirei o veneno e descobri que, para mim, ele tinha o cheiro do mais puro e fresco ar da montanha. Mogadorianos furiosos me arrastaram para fora da sala minutos mais tarde, empurrando-me às pressas de volta à minha cela, mas vi o monte de poeira ao lado da porta quando saí. O mogadoriano que apertara o botão para liberar o gás morrera em meu lugar.

Na semana seguinte, eles tentaram me afogar; na outra, tentaram me queimar viva. Nada disso me afetou, é claro. Na semana passada, eles me serviram comida temperada com tanto arsênico que juro que consegui sentir na língua cada grão de veneno. Trouxeram um bolo à minha cela. Não havia motivo nenhum para me agradarem com um doce, e imediatamente eu soube que eles esperavam me enganar com o bolo — e, por sua vez, enganar o encantamento. Esperavam que, se eu não soubesse que minha vida corria perigo, o encantamento não funcionaria.

É claro que suspeitei deles imediatamente.

Mas comi o bolo assim mesmo. Estava delicioso.

Mais tarde, ouvindo uma conversa do lado de fora da porta da cela, soube que não apenas um, mas três mogadorianos morreram em resultado da tentativa de envenenamento.

Quantos mogadorianos são necessários para assar um bolo?, fiz a pergunta a mim mesma depois. E, com uma satisfação sádica, respondi: *Três*.

Permito-me imaginar um desfecho feliz no qual os mogadorianos, que parecem dar pouco valor até mesmo à própria vida, continuam tentando me matar e acabam morrendo em cada tentativa, até não haver mais mogadorianos vivos. Sei que é apenas uma fantasia, mas é uma boa.

Estou aqui há muito tempo. As sucessivas tentativas de execução, porém, endureceram-me de tal maneira que não sinto medo quando me tiram da cela para mais uma experiência. Desta vez, sou jogada em um espaço amplo e frio com iluminação fraca, um lugar maior que todos os outros em que já estive até agora. Sei que me observam por um vidro espelhado ou câmeras, por isso exibo uma expressão de deboche. Uma expressão que diz: podem vir.

Então escuto. Um grunhido baixo, gutural. É tão grave que posso senti-lo vibrando no chão. Eu me viro e vejo, em meio à escuridão, uma jaula de aço.

Escuto mandíbulas se fechando e o som de lábios enormes estalando.

Agora estou com medo.

Há uma luz intensa. De repente, luzes vermelhas começam a piscar e a grade da jaula se abre.

Desarmada, recuo até o canto oposto do espaço.

Astuto, penso. Os mogs nunca antes me colocaram contra uma criatura viva.

A besta sai da jaula. É um monstro de quatro patas, parece um buldogue com tamanho de rinoceronte: patas da frente flexionadas, a boca escancarada pingando saliva. Dentes enormes se projetam dali como presas. A pele é verrugosa, de um tom pútrido de verde. Tem cheiro de morte.

A criatura ruge para mim, lançando-me tanta saliva que tenho medo de escorregar. Então, ela ataca.

Não acredito em meu próprio corpo. O confinamento solitário me deixou desajeitada, não pratico técnicas de luta há meses, mas o instinto e a adrenalina se ativam, e logo começo a me esquivar da besta como uma profissional, pulando nos cantos, passando por entre suas patas.

A criatura ruge, frustrada, cada vez mais agitada, batendo com a cabeça nas paredes.

Penso que não me divirto tanto há anos, enquanto consigo desferir um chute giratório em sua cara.

Caio em pé, sorrindo após meu golpe certo, no entanto piso em uma das poças de saliva, e meus braços e pernas escorregam na gosma. É um lapso momentâneo, mas é o suficiente: a besta me pega entre os dentes.

Todo meu corpo é invadido pelo calor, e tenho certeza de que é meu fim.

Mas não sinto dor. A criatura deixa escapar um ganido comprido e me solta. Caio de sua boca, a um metro e meio do chão, e aterrisso de joelhos, o que dói mais que a mordida.

Quando me viro, vejo a besta jogada no solo, a boca aberta e o peito arfando intensamente. Buracos escuros formam uma ferida crescente em seu peito. Ela recebeu o impacto da própria mordida.

Ela solta mais um gemido, baixo e pesaroso.

É claro, eu penso. Uma besta mogadoriana é tão mogadoriana quanto todos os outros. Também está sujeita aos efeitos do encantamento.

Dou uma volta, tentando chamar a atenção de quem quer que esteja me observando. É claro que a criatura, embora ferida, vai sobreviver. Se tiverem a chance, os mogadorianos vão cuidar da besta e curá-la, de forma que ela viva para voltar a destruir.

Eu me aproximo dela, lembrando o coelho que matei há tantos anos em Nova Scotia. Ouço os passos dos guardas se aproximando e sei que preciso ser rápida.

Um mog entra na câmara. Ele empunha uma lâmina comprida e está prestes a me atacar quando pensa melhor e desiste, compreendendo que no final vai acabar se matando.

Uso sua hesitação a meu favor. Pulo e o derrubo com um chute alto, fazendo-o soltar a arma no chão. Mais um chute para mantê-lo caído, e então pego a espada.

Aproximo-me da besta arfante enquanto mais guardas entram na sala e enterro a lâmina na cabeça monstruosa.

Em um instante ela está morta.

Os guardas me cercam e me levam arrastada de volta à cela. Estou atordoada, mas feliz.

Sem misericórdia.

CAPITULO QUINZE

APRENDI A RECONHECER as diferenças minúsculas na comida que eles me servem. É sempre o mesmo mingau cinza, uma pasta feita com alguma proteína e trigo que é jogada em minha bandeja. Mas, às vezes, tem mais água e menos trigo, mais trigo e menos proteína etc.

Hoje é dia de muita proteína. Engulo a mistura sem prazer, mas com um pouco de gratidão: meus músculos ainda doem depois da luta contra a besta e o guarda, e sei que a proteína vai me fazer bem.

Termino de comer e volto para o canto.

A cela é escura, mas a luz que entra pela janelinha da porta é suficiente para eu enxergar meus pés, minhas mãos e a bandeja de comida.

Hoje, no entanto, não consigo ver minha mão. Vejo a direita, mas não a esquerda.

Levei bastante tempo para acostumar minha visão a esse estágio de sensibilidade no escuro, por isso me sinto furiosa com este fracasso. Balanço a mão esquerda diante do rosto, girando-a de um lado para o outro dentro da manga. Porém, tudo que vejo é a escuridão. Dou-me um tapa no rosto, pisco, faço de tudo para tentar recuperar a visão.

Mas minha mão esquerda continua invisível.

Finalmente pego o garfo no chão, segurando-o diante do rosto.

Sinto minhas entranhas vibrarem quando o seguro. Não quero criar falsas esperanças. Sei que não vou poder *sobreviver* a falsas esperanças.

Mas consigo ver o garfo. *E continuo sem enxergar minha mão.*

Neste momento, a porta da cela se abre e um mog fraco entra. Ele veio buscar a bandeja. Só preciso da luz que entra pela porta aberta para confirmar minha suspeita.

Minha mão esquerda está invisível.

Meu primeiro Legado chegou.

Suspiro. De todas as habilidades que eu poderia desenvolver, esta parece ser justamente aquela — a única — que pode me tirar viva desta prisão.

O mog resmunga para mim desconfiado, e escondo a manga aparentemente

vazia em minhas costas, na esperança de que ele não tenha visto. Estou atordoada de alegria.

Ele é um idiota e não percebe nada. Pega a bandeja do chão e sai da cela.

Volto a ser imersa na escuridão, e espero, impaciente, até meus olhos se ajustarem o bastante para que eu possa ver mais uma vez minha nova habilidade. Lá está. Manga vazia, mão invisível. Enrolo a manga e olho para o braço. Minha mão está completamente invisível, o antebraço é leitoso, quase transparente, mas, a partir do cotovelo, estou completamente visível.

Sei que vou ter que praticar esta habilidade.

CAPITULO DEZESSEIS

FORAM NECESSÁRIOS DOIS dias, mas aprendi a utilizar meu primeiro Legado. Ainda não tenho controle perfeito: às vezes a invisibilidade oscila, e eu entro em pânico, esforçando-me para restaurá-la. Ativá-la e desativá-la não é como acender e apagar uma lâmpada; é necessária alguma concentração.

Os exercícios de respiração de Katarina são úteis. Quando me esforço para controlar a invisibilidade, concentro-me na respiração — *inspirar, expirar* — e depois na habilidade. Quando consigo dominar a invisibilidade na mão, começo a treinar com outras partes do corpo. É como exercitar um novo músculo — parece estranho no início, mas logo se torna natural. Depois, faço todo o meu corpo desaparecer. Não é mais difícil que fazer a mão sumir; na verdade, parece que necessita de menos precisão.

Estou pronta.

Fico completamente invisível e espero pela próxima refeição. Manter a invisibilidade consome um pouco de energia, que eu gostaria de poder preservar, mas só tenho aquele instante para pôr o plano em prática e não posso correr o risco de eles testemunharem a transformação.

Finalmente, um mog aparece. A janelinha da porta se abre, a bandeja é jogada para dentro. Ela se fecha.

Temo que o truque não funcione. Talvez os mogs não se preocupem em me vigiar, verificar se estou dentro da cela. Nesse caso, meu poder é totalmente inútil...

A janelinha volta a se abrir. Dois olhos grandes se estreitam, espiando a escuridão.

Inspirar, expirar. Às vezes o nervosismo pode me levar de volta ao estado visível, e não posso estragar este momento. *Inspirar, expirar.* O pior que pode acontecer é meu poder ser descoberto antes que eu tenha chance de utilizá-lo contra eles.

É estranho querer que alguém note minha ausência.

A janelinha se fecha novamente. Ouço o mog se afastar e meu coração fica apertado. *Aonde ele foi? Não percebeu que não estou aqui...*

De repente uma sirene é ativada; eu já devia ter imaginado. Em seguida, a porta se abre. Logo minha cela minúscula é invadida por quatro guardas. Fico encolhida em um canto, escondida. Eles estão agrupados juntos, discutindo meu aparente desaparecimento. *Não tenho por onde sair.*

Um deles move o braço num círculo, frustrado, e preciso me abaixar o mais rápido possível. Ele quase acerta minha cabeça. Por pouco.

Eu me esquivo, silenciosa como um gato, até o canto mais próximo da porta. Dois mogs estão ao fundo da cela, mas os outros estão bloqueando a saída.

Saia, eu penso. Saia.

Ouçoo passos correndo para a cela. Mais mogs. Sei que basta que um deles encoste em meu ombro ou sinta minha respiração para que eu e meu novo Legado sejamos descobertos. Os passos se aproximam. Os mogs na porta entram na cela a fim de abrir espaço para os que estão chegando, e eu me lanço para o corredor.

Quase caio ao sair, mas consigo me equilibrar bem a tempo. Meu corpo batendo contra a pedra: eu certamente teria sido descoberta.

Um bando de mogadorianos está vindo da esquerda pelo corredor até minha cela. Minha única opção é ir para a direita. Eu corro, meus passos o mais suaves possível. *Quieta como um gato.*

O corredor é comprido. Faço grande esforço para permanecer em silêncio, meus pés descalços fazendo o mínimo de barulho enquanto corro, corro, corro. No começo tenho medo, mas depois começo a senti-la: a liberdade está logo adiante.

Aumento o ritmo, pisando com a ponta dos pés para evitar os ruídos. Meu coração bate forte quando chego ao final do corredor e me vejo no centro do complexo mogadoriano, uma enorme caverna com diversos túneis como aquele de onde acabei de sair. Há câmeras de circuito interno por toda parte. Quando as vejo, meu peito se enche de medo, mas lembro que estou invisível tanto para as câmeras quanto para os mogs.

Não sei por quanto tempo.

Luzes de alerta piscam enquanto a caverna ecoa o grito estridente do alarme. As paredes altas só ajudam a amplificá-lo.

Escolho um túnel qualquer e volto a correr.

Passo por outras celas como a minha, e depois por portas de aço que provavelmente guardam mais prisioneiros.

Gostaria de ter tempo para ajudá-los. Mas preciso correr, continuar correndo,

enquanto minha invisibilidade aguentar.

Saio do túnel para a esquerda e passo por uma grande sala de parede de vidro à minha direita. Ela está iluminada por fortes lâmpadas fluorescentes. Lá dentro, centenas e centenas de computadores enfileirados murmuram e processam dados, sem dúvida em busca de sinais de meus companheiros da Garde. Continuo correndo.

Passo por outro laboratório, também com uma parede de vidro, este à esquerda. Mogadorianos em jalecos brancos de plástico e usando óculos de segurança se movimentam lá dentro. Cientistas? Químicos especializados em bombas? Passo correndo sem conseguir ver o que estão fazendo. Só imagino que seja algo terrível.

Meu cérebro parece prestes a explodir com o grito da sirene, e tenho vontade de tampar os ouvidos. Mas preciso das mãos para me equilibrar enquanto corro, para manter meus passos suaves e silenciosos. Vem à minha mente o estranho pensamento de que, apesar de toda a minha rudeza, minha molecagem, meu treinamento para a guerra, agora vejo que estou recorrendo a uma habilidade feminina: passos leves, como uma bailarina.

O túnel termina em outro centro, este ainda maior que o primeiro. Eu havia imaginado que o que vi antes fosse o coração do complexo, mas realmente é este: um salão gigantesco de aproximadamente oitocentos metros de largura, tão escuro que não consigo enxergar o que há do outro lado.

Estou sem fôlego e coberta de suor. Faz calor aqui. As paredes e o teto estão cheios de ripas imensas de madeira, que sustentam a caverna e evitam que ela desmorone. Plataformas estreitas esculpidas na rocha interligam os túneis e recobrem as paredes. Acima de mim, vários arcos compridos foram escavados na própria montanha para servir de ponte entre os dois lados do salão.

Recupero o fôlego e enxugo o suor da testa, para evitar que as gotas atrapalhem minha visão.

Há muitos túneis, nenhum deles identificado. Sinto um grande desânimo. Percebo que posso passar dias correndo neste complexo sem encontrar a saída. Imagino-me como um rato em um labirinto de laboratório, correndo de um lado para o outro inutilmente.

Então eu vejo: um ponto de luz natural em um lugar no alto. Deve haver uma saída lá em cima. Vai ser difícil escalar estas paredes, mas sei que posso conseguir. Quando me agarro a uma viga para começar a subida, escuto:

— Ela *será* encontrada.

É ele. O executor de Katarina.

Está falando com um grupo de guardas em uma passarela acima de mim. Os guardas vão embora marchando. Meus olhos ficam fixos no Executor enquanto ele volta ao interior do complexo.

Preciso escolher. Entre fuga e vingança. A luz no alto me atrai como água no deserto. Faz muito tempo que vi a luz do sol pela última vez.

Mas eu me viro.

Escolho vingança.

CAPITULO DEZESSETE

EU O SIGO pelos corredores na ponta dos pés, tomando cuidado para manter minha invisibilidade — aprendi o suficiente sobre meu Legado para saber que qualquer surpresa ou perda de concentração pode me tornar visível outra vez.

Vejo-o entrar em uma cela. Vou atrás dele antes que a porta se feche.

Sem saber que tem companhia, ele caminha até o canto da sala e começa a arrumá-la. Olho para o chão. Há sangue no piso, as armas do mogadoriano estão expostas. Ele torturou e matou outros.

Nunca matei um mogadoriano. Sem contar os que morreram tentando me matar, em toda a minha vida só matei um coelho e uma besta mogadoriana. Fico chocada ao perceber que estou *sedenta* por sangue.

Pego uma navalha na mesa e me aproximo dele. A lâmina traz uma sensação agradável em contato com minha mão. Parece *certo*.

Sei que não devo dar ao mogadoriano a chance de implorar, suplicar, abalar minha determinação. Seguro-o por trás e faço um corte limpo em sua garganta. Ele gorgoleja contra minha mão e despeja sangue no piso. Ele cai de joelhos e se transforma em cinzas.

Estou me sentindo mais viva que nunca.

Abro a boca para falar. *Essa foi por Katarina* é o que estou prestes a falar. Mas não falo.

Não falo porque sei que é mentira.

Aquilo não foi por Katarina. Foi *por mim*.



Saio do complexo uma hora mais tarde, exausta e me esforçando para permanecer invisível enquanto subo ao cume da montanha, e depois enquanto corro dela para uma colina vizinha. Preciso parar e descansar, me adaptar ao sol ofuscante do meio-dia.

Minha pele transparente tosta ao calor. Olho para a entrada do complexo, já difícil de enxergar a esta distância. Não confio em minha memória, então tomo um

tempo para decorar sua forma e sua localização exata.

Tenho certeza de que os mogs se espalharam por todo o complexo à minha procura. E tenho certeza de que eles saíram da montanha e estão agora mesmo vasculhando por entre as árvores dessas colinas.

Pois que procurem.

Nunca vão me encontrar.



Corro alguns quilômetros no meio das árvores até chegar a uma estrada em uma pequena cidade mineradora. Estou correndo descalça, batendo com os pés no solo duro, as articulações sofrendo. Não me importo; em algum momento vou arranjar um par de tênis.

Encontro uma caminhonete parada no único semáforo da cidade. Pulo discretamente para cima da carroceria e deixo-a me levar para mais e mais longe do complexo mogadoriano. Quando o motorista para com a finalidade de abastecer algumas horas depois, eu entro correndo, ainda invisível, na cabine e vasculho as coisas dele. Pego um punhado de moedas, uma caneta, alguns pedaços de papel e um saco fechado de batatas fritas.

Corro para trás do posto de gasolina e me sento à sombra. Em um papel, desenho um mapa do complexo e um diagrama dos túneis de acordo com o que consigo lembrar. Vai demorar até que eu possa usar este desenho, mas sei que a lembrança do esconderijo deles é o que possuo de mais valioso e precisa ser preservada.

Quando termino o diagrama, levanto a cabeça. O sol está se pondo, mas ainda sinto o calor dos raios no rosto. Abro o saco de batatinhas e como em três bocados. As batatas salgadas são deliciosas, uma maravilha.



Estou em um quarto de hotel, finalmente. Vaguei durante um dia inteiro, impelida pela necessidade de encontrar abrigo e descansar. Eu não tinha como pagar por hospedagem e, no desespero, comecei a pensar em roubar. Bater algumas carteiras, reunir o dinheiro de que eu precisava. Usando meu Legado, roubar seria muito fácil.

Mas então percebi que não precisaria roubar, ou pelos menos ainda não. Em vez disso, entrei no saguão de um pequeno hotel, fiquei invisível e invadi o escritório da gerência. Peguei a chave do quarto 21 no quadro. Eu não sabia como faria a chave flutuante passar pelo saguão movimentado, então hesitei por um instante, parada no escritório. Mas logo a chave também desapareceu em minha mão.

Eu nunca havia feito um objeto desaparecer, só a mim mesma e minhas roupas. Uma dica de outras utilidades para meu Legado.

Estou no quarto há algumas horas. Para não me sentir como se estivesse roubando, durmo sobre as cobertas, no frio do ar-condicionado.

Então me dou conta: estive invisível durante o tempo todo que passei no quarto, tensa pelo esforço de manter esse estado. É como prender a respiração.

Levanto-me e caminho até o espelho do outro lado do quarto, relaxando. Meu corpo aparece no espelho, e vejo meu rosto pela primeira vez em vários meses.

É um choque.

A menina que me encara é quase irreconhecível. Eu praticamente nem sou mais uma menina.

Fico me olhando por um bom tempo, sozinha no quarto, sem ajuda, sem companhia, desejando estar com Katarina, desejando fazer uma homenagem digna para ela.

Mas ela está bem aqui. Na dureza e na definição novas de meu rosto, na curva musculosa em meu braço. Agora sou uma mulher, e sou uma guerreira. O amor de Katarina e sua perda estão gravados para sempre no contorno duro de meu queixo.

Eu sou a homenagem a Katarina. A sobrevivência é meu presente a ela.

Satisfeita, volto para a cama e durmo durante dias.

CAPITULO DEZOITO

ANOS SE PASSARAM.

Levo uma vida itinerante, sempre mudando de cidade para cidade. Evito conexões ou elos e me dedico ao desenvolvimento de minhas habilidades marciais e de meus Legados. A invisibilidade foi seguida pela telecinesia, e nos últimos meses descobri uma nova capacidade: posso controlar e manipular o clima.

Uso este Legado com moderação, porque com ele é fácil atrair atenção indesejada. Ele se manifestou há alguns meses, em um bairro pequeno na periferia de Cleveland. Eu estava seguindo uma pista sobre um Garde que acabou não dando em nada e, desanimada, voltava para o hotel bebendo um café gelado. Minha perna queimou com uma dor repentina, e eu derrubei a bebida no chão.

A terceira cicatriz. Três havia morrido.

Caí no chão sentindo dor e raiva, e, antes que eu percebesse, o céu se encheu de nuvens. E aconteceu uma tremenda tempestade de raios.

Agora estou na Pensilvânia, em uma cidadezinha legal, uma das melhores por onde passei nos últimos anos. Há estudantes universitários por toda parte. Tenho uma aparência meio despojada de errante que se destaca em bairros mais residenciais, mas ali, cercada por jovens hippies, hipsters e nerds ouvindo música, não sou tão incomum. Isso faz eu me sentir mais segura.

Todas as minhas pistas esfriaram, e ainda não descobri nenhum loriene. Mas sei que está chegando a hora. A hora de reunir a Garde. Se meus Legados estão se desenvolvendo a esse ritmo, tenho certeza de que o mesmo está acontecendo com os outros. Sei que logo haverá sinais, eu sinto.

Sou paciente, mas estou animada: estou pronta para lutar.



Estou pensando em meu próximo passo, bebendo o restinho de um café gelado. Essa se tornou minha bebida favorita. Venho batendo carteiras para bancar meu apetite, mas isso tem sido tão fácil que nunca chego a causar grandes prejuízos às pessoas. Só preciso de alguns dólares aqui e ali para ir vivendo.

De repente, bate uma rajada de vento que quase me derruba. Por um segundo penso que perdi o controle, que meu próprio poder causou isso. Mas o vento para tão depressa quanto começou, e compreendo que não fui eu a responsável. Mas ele abriu a porta de outra cafeteria.

Quase sigo em frente, mas reparo que há um computador disponível no fundo do estabelecimento. Vou a lan houses para acompanhar as notícias, procurando informações que possam resultar em algum tipo de pista a respeito dos outros de minha espécie. Isso me faz sentir mais próxima de Katarina. Eu me tornei minha própria Cêpan.

Jogo meu copo vazio no lixo do lado de fora da cafeteria e entro no estabelecimento refrescado pelo ar-condicionado. Compro mais um café no balcão, e então me sento ao computador e começo a ler as notícias.

Uma nota sobre Paradise, Ohio, chama minha atenção. Um adolescente foi visto pulando de uma construção em chamas. Novo na cidade. Chamado John. A matéria menciona que é difícil encontrar informações concretas sobre ele.

Levanto-me tão depressa que jogo a cadeira para trás. No mesmo instante sei que ele é um de nós, embora eu não saiba *como* sei isso. Algo naquela rajada de vento. Algo na maneira como meu estômago se agita, tremendo de ansiedade.

Talvez isso faça parte do encantamento, algo que nos faz saber que uma intuição é *mais* que uma intuição. Eu sei.

Eu simplesmente sei.

Meu coração dispara com a empolgação. Ele está lá fora. Um membro da Garde.

Anoto em um pedaço de papel tudo o que encontro sobre John e Paradise e saio correndo da cafeteria para a rua. Direita, esquerda... não sei para onde ir, como chegar em Paradise o mais rápido possível.

Respiro fundo.

Está começando, penso. Finalmente está começando.

Rio de minha paralisia. Lembro que a rodoviária fica a um quilômetro e meio de distância. Tenho o hábito de memorizar todas as rotas de transporte para entrar e sair de todas as cidades que visito, e a rota do ônibus que sai desta me vem à mente. Lembro também que na rodoviária há uma fotocopadora. O plano para ir a Paradise começa a se desenvolver.

Eu me viro e caminho rumo à estação.

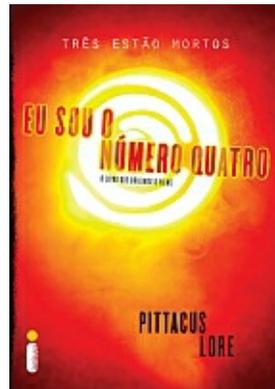
Sobre o autor



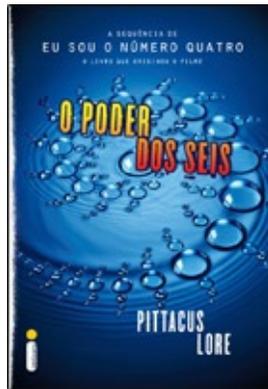
Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove loriens. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

Conheça os livros da série

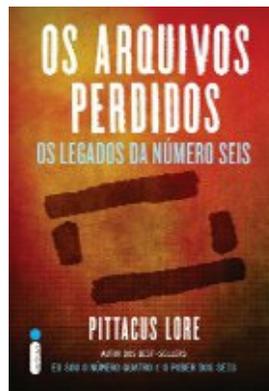
OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



Os arquivos perdidos: Os Legados da Número Seis